

5 MAIS (A)VENTURAS DO ‘ERA UMA VEZ...’

Há uma criança dentro de mim que se e recusa a morrer.
Liv Ullmann

A preocupação dos diretores de TV para com a criança também pode ser vista em outras emissoras dos anos iniciais desse meio de comunicação no país. Embora algumas emissoras demonstrem mais interesse em propor a esse segmento uma diversidade de programas, outras menos, a gurizada alcança, sensivelmente, seu espaço social enquanto telespectador brasileiro.

Neste capítulo, veremos que essa discrepância da produção artística entre as emissoras do período histórico, 1950 a 1965, deveu-se a vários fatores, como por exemplo, a trajetória profissional dos idealizadores do programa e a condição financeira da TV. Dentre todos os gêneros do entretenimento, o teleteatro infantil seria uma experiência televisiva que se projetou, nacionalmente, vivenciando essa complexa circunstância.

Na intenção de dar continuidade à pesquisa proposta neste estudo de tese, interessa-nos, nas páginas seguintes, elencar e analisar a veiculação e produção de teleteatro para criança nas estações do eixo Rio-São Paulo: TV Tupi (1951), canal 6, do Rio de Janeiro; TV Paulista (1952), canal 5 e TV Record (1953), canal 7, ambas de São Paulo. Embora na primeira década da TV no Brasil, inúmeras emissoras foram inauguradas na região Sudeste, verificamos que somente estes canais e ainda a TV Itacolomi (1955), de Belo Horizonte – objeto de análise do próximo capítulo – investiram na produção desse teatro infantil em domicílio.¹

Ainda que não buscassem uma programação diferenciada da pioneira Tupi paulista, canal 3, as referidas emissoras não deixaram de assumir uma caracterização particular de produção artístico-cultural. Cada uma, a seu tempo, demonstrou a preferência por determinados programas, os quais acabaram por compor o repertório de experiências de sucesso na história da TV brasileira.

Na grade de programação desses canais, o público infantil também se viu agraciado, ainda que houvesse inicialmente poucos horários destinados a ele.

Entre erros e acertos, improvisos e criatividade, uma série de textos do universo do encantamento seduziram os pequenos.

¹ Cf. Anexo 4.

Dessa forma, as a (venturas) do era uma vez ganharam a telinha, e, a partir daí, infiltraram-se na memória de um público que cresceria, mas não o esqueceria.

5.1

O Rio de Janeiro pela tela

Na intenção de expandir o prestígio da “imagem à distância”, em 20 de janeiro de 1951, o empresário Francisco de Assis Chateaubriand inaugura no Rio de Janeiro, a TV Tupi, canal 6, mais um projeto ambicioso da iniciativa privada que faria parte do recente oligopólio de veiculação de informações do Brasil.

A inauguração também foi marcada por uma série de comemorações.

Inicialmente, não diferente das demais emissoras instaladas, a Tupi carioca vivenciaria a incipiência do veículo, sem uma escola que não a da experimentação e da improvisação. Dia a dia, na TV do ao vivo, os funcionários

enfrentavam as falhas técnicas, a ausência de recursos etc... Nestes anos, a imagem, por exemplo, não chegava às residências de forma nítida. Logo, era preciso que o telespectador a todo momento girasse a antena para retirar os chuviscos.

Sempre no final da tarde, antes da exibição de suas programações, o indiozinho tomava a tela da emissora como símbolo de ‘sinal de espera’.

Aos poucos, a grade de horários do canal 6 se definiria. Para que ela se consolidasse no circuito sociocultural do Rio de Janeiro, alguns dos programas transmitidos na Tupi paulista eram reproduzidos em seu estúdio. Assim, foi ao ar toda uma programação, que se mostrou diversa nas categorias entretenimento, informação e educação.

Na categoria informação, diariamente havia a transmissão do **Repórter Esso**, com Heron Domingues ou com Gontijo Teodoro. O esporte também tinha um horário sempre aos domingos. Com Oduvaldo Cozzi, Ruy Viotti, Ari Barroso e José Maria Scassa, **Tarde Esportiva** ganhava a tela.

Na programação de entretenimento, a emissora exibiu **O Céu é o Limite**, programa de auditório à base de perguntas e respostas com premiação no final. Pelo

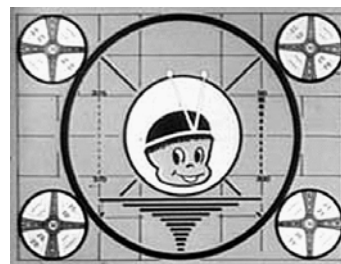


Figura 36. Logotipo da emissora Tupi-Rio.



Figura 37. Ilka Soares, à esquerda e J. Silvestre, no programa **O Céu é o Limite**.
(Fonte: <http://fotolog.terra.com.br/luiz>)

sucesso de público desta produção, em São Paulo, Aurélio Campos foi o apresentador e, no Rio, J. Silvestre.

Nos finais dos anos 50, o programa **Paulistas e Cariocas**, no formato gincana, também é transmitido, simultaneamente, nos dois canais. Abelardo Barbosa, o Chacrinha, estreia na TV com **Rancho Verde** e Flávio Cavalcanti, em **Um Instante Maestro**, de forma teatral critica produções de discografia, chegando a quebrar algumas em cena. Com requinte, exibiram-se, ainda, **Noite de Gala**, às segundas-feiras, sob patrocínio do "Rei da Voz", do Abrahão Medina e **Almoço com as Estrelas**, aos sábados, com Aerton Perlingeiro.

Quanto a esta categoria, vale dizer ainda que a nova emissora carioca, diferentemente, da Tupi de São Paulo, passa a priorizar uma programação de espetáculos musicais e terá como modelo as variedades do teatro de revista. Assim, nos estúdios da TV Tupi, tudo era possível.

Nesta nova proposta de transmissão, embora artistas do rádio, do circo, dos espetáculos musicais pertencessem ao seu quadro de funcionários, os atores do teatro se tornaram categoria de prestígio, na medida em que “familiarizava alguns profissionais da TV com as técnicas de dramaturgia” (FARIA, 2005, p. 77).

Em virtude de uma tradição na arte teatral, desde os tempos do Império, o Rio de Janeiro oferece como marca de sua singularidade uma TV vitrine da arte cênica. O veículo se torna, assim, um espaço em que se congrega, ao mesmo tempo, representantes da elite cultural e setores da arte popular. Sua programação variava da ficção mais ingênua aos mais sofisticados teleteatros.

Deste contexto, merecem destaque as produções de alto nível cultural, que somariam muitos anos de transmissão como os programas de teleteatros. De grande importância foi o **Câmera Um**, teleteatro de Jacy Campos, que após retornar dos EUA, trouxe a novidade de gravar cena com apenas uma câmera. *Um beijo nas trevas*, uma adaptação de Silvia Autuori, conhecida no universo do rádio como Tia Chiquinha, foi o primeiro texto de estreia da nova experiência.

Depois do sucesso desta encenação no canal, o programa passou a transmitir textos importantes da dramaturgia, os quais corroboraram para o seu tempo de permanência na grade da emissora.

Na cena da TV carioca também surge o **Grande Teatro Tupi**, de Sérgio Brito, tendo no elenco Fernanda Montenegro, Paulo Autran, Maria Della Costa, Walmor Chagas, Natália Timberg, Italo Rossi e tantos outros. As encenações do **Grande Teatro**

Tupi, por exemplo, se pautaram num repertório de obras clássicas da dramaturgia, adaptando para o vídeo Ibsen, Tennessee Williams, Pirandello, O'Neill, Garcia Lorca, Jorge Andrade; romances de Oscar Wilde, Balzac, Goethe, Machado de Assis; filmes de sucesso e telepeças americanas de vários títulos. Segundo Cristina Brandão Faria (1999), a intenção de Sérgio Britto seria fazer com que os telespectadores conhecessem novas produções dramatúrgicas e literárias, as quais corroborariam, fundamentalmente, para a evolução da própria identidade da TV.

A respeito dos bastidores do processo de adaptação, o roteirista Manoel Carlos (Apud FARIA, 1999, p. 6) esclarece que:

Não havia um rigor muito grande. Normalmente a idéia partia de quem fazia a adaptação, normalmente eu. Eu sempre me interessei por literatura e sugeria: 'Vamos fazer isso do Dostoiévsky, ou isso de Balzac, ou Maupassant?' Outras vezes o Sérgio sugeria, outras vezes os próprios atores. Eu lia, via se tinha possibilidade de fazer um bom teleteatro e fazia. [...] O que funcionava era uma boa história, um bom elenco e uma boa direção. Não importava se era um drama, uma comédia ou uma tragédia. Eram histórias bem feitas. Não tinha problema se eram brasileiras ou não. E também não tinha problemas quanto à duração.

Sempre às segundas-feiras – único dia de folga dos atores no teatro – o público carioca assistia às encenações do teleteatro da Tupi. Durante oito anos, sem interrupção, foram exibidos 450 espetáculos, em grandes produções, e os telespectadores passaram a ter o teatro como complemento importante em suas atividades cotidianas.

Diante desse prestígio, os diretores do canal 6, também, chegaram a explorar esse laboratório ficcional na produção direcionada ao público infantil. Se em São Paulo, a TV Tupi exibia os famosos teleteatros e seriados de Tatiana Belinky e Júlio Gouveia e de Francisco Dorce; no Rio, um teleteatro que fez parte da infância e adolescência de muitos telespectadores brasileiros seria o **Teatrinho Trol**, tendo, por longo tempo, na direção, o ator Fábio Sabag.

5.2

Teatrinho Trol em cena na Tupi carioca

A criança merece um espetáculo melhor e muito mais bem cuidado do que os adultos.

Fabio Sabag

Frente à programação infantil dos anos iniciais da Tupi, do Rio, o teleteatro infantil de Fábio Sabag era a grande atração nas tardes de domingo. Em busca de uma grade de horários, diversa em suas produções, o canal ofereceu programas de variedades como **Circo Bombril** e **Clube do Guri**; seriados com núcleos dramáticos como **Gladys e seus Bichinhos**, com Gladys contando histórias e desenhando, ao vivo; Virginia Lane como o **Coelhinho Teco-Teco**. Nos seriados de aventuras, foram ao ar **Falcão Negro**, com Gilberto Martinho, tendo Jece Valadão e o Dary Reis, nos papéis de vilões e **As Aventuras do Capitão Estrela**.



Figura 38. No programa **Coelhinho Teco-Teco**, Virgínia Lanna - apresentadora. (Fonte: <http://rioquemoranomar.com.br>)



Figura 39. Aniversário do Programa **Clube do Guri**. (Fonte: <http://jofershhouse.vilabol.uol.com.br/infantil>)



Figura 40. **Capitão Estrela**. (Fonte: <http://www.ondeanda.multiply.com.br>)

Semelhante ao processo de intercâmbio realizado entre as Tupis paulista e carioca com relação à programação para adultos, a infantil também se beneficiou deste diálogo. Assim, observamos que a emissora, ao buscar pautar-se numa programação de cunho nacional e de qualidade cultural e educativa, terá como modelo a grade de programas de gêneros variados da pioneira Tupi, chegando a exibir, de forma idêntica, determinados programas. **Clube do Guri** e **Circo Bombril** são exemplos deste diálogo. Caso existissem programas cuja estrutura funcional da Tupi do Rio não teria condições de produzir, a emissora paulista permitia que toda a equipe se mobilizasse para as novas exhibições através dos estúdios do canal 6. Dentre tantos exemplos dessa experiência, citamos as transmissões de alguns capítulos do seriado **Sítio do Pica-pau Amarelo**

(1952-1965) e da novelinha **Pollyanna** (1956), adaptações da escritora Tatiana Belinky para a TV Tupi, canal 3.

No cenário das transmissões de sucesso dos teleteatros infantis da história da televisão brasileira, merece destaque o teleteatro **Grande Teatro Infantil**, cuja estreia se deu em novembro de 1956.

Ao ter como patrocinadora oficial a empresa de brinquedos Trol, de Dílson Funaro, o programa passou a ser denominado **Véspera**

Trol, mais conhecido como **Teatrinho Trol**. De forma curiosa, ainda que outros patrocinadores, como a Kibon e a Antártica, tenham participado da história dessa experiência teatral, o seu sucesso o fez permanecer com o mesmo nome. Nesta trajetória de altos índices de audiência, estão a dedicação e o profissionalismo de Fábio Sabag (1931-2008), filho de imigrantes libaneses que faria uma bela carreira no universo do teatro, do cinema e televisão, do eixo Rio-São Paulo.

Segundo a sua autobiografia², *50 anos de atividades artísticas*, Fábio Sabag começa suas atividades profissionais em 1949, como produtor de programas na rádio Cultura, de São Paulo. Ao decidir seguir a carreira de ator, o jovem paulistano de Bariri, em meio às novas reformulações estéticas por que passava a cultura teatral dos anos 40 a 50, se envolve com a arte de representar e torna-se integrante ativo da arte do palco. Inúmeros são os grupos e companhias (amadores ou profissionais) da cidade de São Paulo, aos quais se filia, chegando também a produzir e dirigir espetáculos. Nestes anos, inaugura-se a televisão e novas oportunidades surgem. Por fazer parte do meio artístico do teatro, a televisão o contrata e ele tem a possibilidade de atuar nos grandes teleteatros da TV Tupi (1950) e da TV Paulista (1952). Na pioneira Tupi-Difusora, foi ator nos teleteatros infanto-juvenis de Tatiana Belinky e Júlio Gouveia e na Paulista e na Record assumiu o cargo de diretor e produtor de teleteatros infantis.



Figura 41. Cenas do **Teatrinho Trol**. Da esquerda para a direita: Zilka Salaberry, Neide Aparecida e Oscar Filipe. (Fonte: <http://superblogdopacoca.blogspot.com>)



Figura 42. Perfil: Fábio Sabag. (Fonte: Autobiografia, arquivo Museu da TV.)

² Material encontrado nos arquivos do Museu da TV brasileira, pesquisa realizada em 27/07/09. A passagem do artista pelo teatro e pela TV está no anexo 7.

Depois de sua passagem pelos palcos do teatro e TVs de São Paulo, Sabag muda-se para o Rio, onde teria novas chances para dar continuidade a sua trajetória profissional. Nesta caminhada, novos palcos teatrais, de várias tendências estéticas, conhecem o seu trabalho. É nesta cidade que Sabag atuaria em várias áreas como produtor geral, executivo e artístico. A princípio, na TV Tupi do Rio, pertenceu ao elenco de peso do teleteatro **Grande Teatro Tupi**, onde teve a oportunidade de contracenar com grandes nomes do teatro brasileiro, como Fernanda Montenegro, Paulo Autran, Ítalo Rossi e tantas outras revelações. Através de sua rica experiência no universo da representação em teleteatros para adulto, da direção e da produção deste gênero para crianças em emissoras paulistas, resolveu assumir na emissora o teleteatro infantil. Programa este que já atingia uma satisfatória audiência nos lares da cidade.

Apaixonado pela arte de representar, Sabag tinha consciência de que era preciso mover esforços para tal êxito perdurar ou até alcançar mais índices de audiência. Para tanto, pautou-se em textos de grande qualidade literária e dramática, que se somaram aos talentosos atores, figurinistas, marquetistas e outras categorias constitutivas do meio televisivo.

Através de muito talento e de criatividade, o mundo das fadas dos Irmãos Grimm, de Andersen e tantos outros clássicos da literatura infantil prometiam encantar a todos, ainda que, nesses anos, a TV estivesse desprovida de sofisticação técnica.

Outro fator determinante para o sucesso do programa eram as pesquisas de opinião junto às crianças, o que corresponderia à busca da TV pela formação de público. A confiança dada a esse segmento resultaria, portanto, em 10 anos de transmissão (1956-66), ininterrupta na telinha.

Foram estes textos da tradição literária estrangeira que permitiram à criança colocar à prova toda a sua capacidade humana de sentir raiva, de se apaixonar, de se sensibilizar, de expor sua irracionalidade, sem, entretanto, atingir uma só pessoa. Neste universo do faz-de-conta, os pequenos podem superar seus conflitos internos, ainda que a história pertença a um mundo longínquo, do ‘era uma vez’. Ao buscar entendimentos para sua vida, eles acabam por construir sua própria personalidade.

Embora, esses textos de base oral permitam que alguns valores da sociedade burguesa e capitalista sejam privilegiados, por outro lado, tal repertório se mostra altamente capaz de atender ao desejo da criança pela busca incansável de novas histórias. De alguma forma, haverá todo um processo de identificação desse mundo com a criança.

O depoimento de Sérgio Viotti, a princípio, ator do **Teatrinho Trol** e, logo depois, autor, é revelador nesse sentido. Como se dirigia à criança, havia toda uma preocupação com o nível estético e com adaptação do texto. Assim, explica o roteirista Sérgio Viotti (Apud LEBERT, 2004, p. 71):

Eu tinha uma maneira de contar história que agradava aos adultos e às crianças. As adaptações iam de Shakespeare a óperas. Havia certos tabus, típicos da época, que eu preservava muito. Palavras que eu não considerava positivas eu não deixava no texto.

Como se pode ver, a manutenção dos ideais éticos e morais da sociedade da época era uma preocupação da TV.

Outros importantes nomes da dramaturgia e da literatura nacionais como Tatiana Belinky; Lígia Bojunga Nunes, Maria Clara Machado, Fabio Gaia, Gilda de Abreu, César Ladeira, completavam esse cenário de adaptações.

Além dos textos de autoria estrangeira e nacional, o público assistiu a mais de quatrocentas peças, sempre inéditas. Somente em casos especiais, a cada três anos, as reprises, possíveis somente a partir da aquisição do videoteipe (1963), aconteciam. Nas noites de Natal, todo o elenco corria a cidade carioca e se apresentava nas portas das igrejas, nas escadarias do Teatro Municipal, dos hospitais escolas e em tantos outros lugares e instituições. Assim como procedia o grupo TESP, na Tupi paulista, além da veiculação pela tela da TV, era preciso levar o teatro infantil até onde parecia impossível encená-lo.

E para cada transmissão, uma abertura nova ia ao ar. Dessa forma, o programa exigia muita dedicação dos atores e a utilização de um rico laboratório experimental de efeitos especiais e sonoplastia.



Figura 43. Em cena do **Teatrinho Trol**: Neide Aparecida no papel de Branca de Neve. (Fonte: <http://www.indcultural.hpg.ig.com.br/teatrotrol.html>)



Figura 44. Ao centro, Norma Blum e atores não identificados, em cena no **Teatrinho Trol**. (Fonte: <http://www.infanttv.com.br>)

Assim como Júlio Gouveia, da Tupi de São Paulo, arquitetava sempre de forma criativa a abertura dos seus programas infantis, normalmente tendo em suas mãos um grosso livro, Fábio Sabag também se servia de alguns trunfos. Às vezes, as histórias começavam com a imagem de uma garota que puxava os nomes do elenco de dentro de um poço, uma espécie de local mágico. Em outra ocasião, utilizava-se estrategicamente um cofre. Para o diretor, tal procedimento faria com que a criança se interessasse ainda mais pela história, e, antes mesmo de assistir ao enredo, ela poderia imaginar coisas e mundos.

Nesses anos, o teleteatro infantil contou com um elenco que atuava, também, no **Grande Teatro Tupi**, de Sérgio Britto. Dessa forma, o teleteatro de Sabag diferenciava de alguns grupos de teatros para criança na TV, os quais, em sua grande maioria, funcionavam como grupos independentes, não pertenciam ao *cast* fixo das emissoras. O TESP, dirigido pelos Tatianas e grupos de teatro da TV Record são exemplos desta realidade. Nos papéis de inesquecíveis princesas eram escaladas Norma Blum, Carmem Silva Murgel, Íris Bruzzi e Neyde Aparecida; que enfrentavam Zilka Salaberry, como uma irritante e maldosa bruxa.



Figura 45. À direita, Norma Blum e à esquerda Zilka Zalaberry, em cena do **Teatrinho Trol**.
(Fonte: <http://www.normablum.com.br>)



Figura 46. Em cena, no **Teatrinho Trol**, Zilka Sallaberry, no papel de bruxa.
(Fonte: **Estado de Minas**, 23/08/2000)

Mas, anteriormente, a caracterização de vilã pertencera à Fernanda Montenegro, que chegou a encenar *O casaco encantado*, de Lúcia Benedetti. Roberto Cleto era o famoso príncipe. Outro personagem que encantava também a meninada era o Dom Trolino, interpretado por Nair Amorim, hoje, dubladora de vários personagens

de desenhos animados famosos.³ Em todas as encenações, este mascotinho, símbolo da empresa patrocinadora Trol, tinha a missão de se comunicar, de forma criativa, com as crianças através de mímicas, um código talvez menos usual para elas. Compunham também o elenco, Oscar Felipe, Paulo Padilha, Edson Silva, Antônio Ganzarolli, Suely Franco, dentre outros, os quais assumiam diversos papéis conforme as exigências da história a ser televisionada.

Mas, a cada episódio, o programa contava com um ou mais convidados diferentes. A atriz Maria Gladys, por exemplo, inicialmente fez pequenos papéis para, depois, ser escalada para atuar no elenco fixo da emissora.



Figura 47. Figurino de uma das cenas do **Teatrinho Trol**.
(Fonte: <http://www.infantv.com.br>)



Figura 48. Em cena: Paulo Padilha com Norma Blum, no **Teatrinho Trol**.
(Fonte: <http://www.normablum.com.br>)

Como a TV se encontrava numa fase iniciante, desprovida de uma racionalidade industrial, muitos desses atores exerciam também outras funções no veículo. Nair Amorim e Neyde Aparecida, por exemplo, além de atrizes, eram garotas-propaganda. Já Oscar Felipe e Moacyr Deriquém participaram como produtores e atores.

Desprovida de uma administração racional, a TV era um mundo em construção. Assim, todos os programas desse rádio de imagens demandavam entrosamento e versatilidade de toda a equipe, como afirma Fábio Sabag (Apud FARIA, 2005, p. 12):

Superávamos a falta de recursos com a imaginação. [...] Nós não tínhamos muita noção do que fazíamos, porque estávamos fazendo uma coisa inteiramente nova, que não sabíamos o que era. Estávamos inventando a televisão.

³ A artista chegou a reproduzir as vozes de personagens como a Vilma, dos Flintstones; a Velma Dinkley, dos Scooby Doo, e Julian Andrews, no filme a *Noviça Rebelde* e de tantos outros.

Em entrevista dada a Izaías Correia, em 2007, publicada no *site* Infantv, o artista comenta sobre o processo de experimentação do veículo: “não sabíamos o que eram as dificuldades, pois a única maneira de se trabalhar era ao vivo. Ninguém sonhava com videoteipes.”

De qualquer forma, Sabag tinha a consciência de que a qualidade do programa não poderia ficar jamais comprometida, pois a criança merecia o melhor.

Assim, para o fascínio do público, não faltavam, por exemplo, os efeitos especiais à base de gelo seco, neve de sabão. Quanto aos cenários, estes dependiam dos intervalos para serem trocados e chegavam, às vezes, a contar com grandes árvores e folhas em suas formas naturais. Conforme o texto adaptado, os figurinos ganhavam o estilo longo, colorido, com recortes de brilho, de plumas.

Além do peso, uns pareciam extremamente exóticos aos olhos dos atores. Mas se era para encantar, seduzir o público infantil, tudo valia a pena.

Ainda que a equipe do **Trol** deparasse com qualquer incidente, nas recordações, tudo passou a ser motivo de graça e orgulho. Toda essa prática de uma encenação artesanal pode ser evidenciada na fala de Suely Franco (Apud SABBAG, 2007, p. 60), ao mencionar que:

um episódio inesquecível para mim, foi quando fiz uma menina que voava à lua. O Sabag tinha muitas idéias, (sic) [...]. Então, ele me colocou deitada, em cima de uma mesa, com um foguete nas costas. Eu tinha de fingir que estava voando, quando, atrás da mesa, colocou uma cortina azul como se fosse o céu, que balançava com o efeito do ventilador.

A respeito desse episódio, Fabio Sabag (Idem) completa:

Coitadinha da Suely! Coloquei um foguete nas costas dela e o pavio, aceso, começou a rodar. Quando vi, as faíscas estavam queimando toda a perna dela e ela ficou quietinha, não me disse nada.

As situações desconcertantes não pararam por aí. Norma Blum ao comentar sobre o humor e o trabalho exigente do diretor, revela muito do mundo dos bastidores. Na infinidade de causos, Norma Blum (Apud SABBAG, Ibidem, p. 61) fala sobre a atuação de Edson Silva que:

[...] Morria de medo. No estúdio A da TV Tupi, no Cassino da Urca, tinha uma piscininha, de dois por três metros, mais ou menos, que

tinha a água meio suja. O Sabag sempre inventava umas cenas na água e o ator escalado pra (sic) fazer a cena na água era o Edson. Se tivesse uma cena em que alguém tinha de ser trancado dentro de um baú, quem ia para o baú era o Edson. Essas coisas de humor do Sabag faziam a gente rir muito. Ele pegava no pé só de quem tinha medo de fazer essas coisas.

Ao reconhecer com louvor seu trabalho, sobretudo na transmissão do teleteatro **Trol**, Sabag, em depoimento ao *site* Infantv, fala sobre a dificuldade de se trabalhar com o gênero infantil. Segundo ele,

Hoje todos os programas são bem produzidos, mas a maioria é feita com pessoas inadequadas e apresentadoras ‘tati-bi-tati’. Tratando as crianças como débeis mentais. Gosto muito da versão do **Sítio**⁴. Pena não estar no ar **Gente Inocente** e os programas da Angélica.

Para evitar o desgaste do programa, o que é muito comum nos dias atuais, o diretor permitia que pais e filhos pudessem escolher os espetáculos a serem televisionados. Dessa forma, o público, praticamente, ditava o que melhor lhe convinha.

Outra forma de dotar o programa de uma qualidade artística, era a escolha dos atores. Semelhante a outros teleteatros para crianças, o **Trol** era composto somente por atores adultos. Esporadicamente, havia uma participação, como a de João Paulo Barroso, por exemplo. Em



Figura 49. Cena do **Teatrinho Trol** com a participação de crianças.
(Fonte: <http://www.infantv.com.br>)

depoimento, (SABAG apud SABBAG, 2007, p. 58), o diretor do programa diz: “Eu tratava as crianças como adultos. O reflexo, todos podiam ver, nos dias posteriores à apresentação do programa. O povo falava, ouviam-se os comentários, as críticas.”

Portanto, entre erros e acertos, risos e exigências, muitas histórias foram ao ar e a Tupi do Rio conseguiu cativar mais uma faixa de público, a infantil.

Semelhante à produção rica dos teleteatros para criança, da TV Tupi de São Paulo, a emissora carioca soube conduzir de forma séria e ao vivo a cena dessa experiência artística em seus estúdios. Apostando nos atores e também nos textos, a

⁴ Grifo nosso.

telinha dirigiu-se aos pequenos e revelou-lhes, durante mais de 10 anos, a magia do teatro no formato industrial da TV.

Para quem acredita, como Sabag, que “quem sabe faz ao vivo”, a modernidade do videoteipe viria, tempos depois, a ofuscar essa máxima.

5.3

Um lugar para o teleteatro infantil em outras telas

Ser ator é atravessar sua época e permanecer eternamente no coração do seu público.
Fabio Sabag

Diante das mobilizações para atingir eficiência no funcionamento do veículo televisão, os paulistanos passam a ter novo poder escolha dos programas com a inauguração, em 14 de março de 1952, da TV Paulista, canal 5, “A imagem perfeita e o melhor som”. Esta seria a segunda emissora de São Paulo, cuja concessão foi dada ao deputado-federal Oswaldo Ortiz Monteiro. Para a função de superintendente, o canal contratou o italiano Ruggero Jacobi, que buscava, a partir de sua experiência como ator de teatro amador diretor de teatro e cenógrafo, sobretudo no grupo TESP de Júlio Gouveia, dar um tratamento artístico-cultural à emissora.

Como atração inaugural, a Paulista inovou ao apresentar a telenovela **Helena**, baseada na obra de Machado de Assis. Nos moldes do programa ao vivo e em preto e branco, a exibição contou com os atores protagonistas Paulo Goulart, Vera Nunes e Hélio Souto. Esta seria uma dentre tantas outras adaptações que



Figura 50. Slogan da TV Paulista

marcariam a programação da emissora, que, semelhante à Tupi-Difusora, descobriria alguns talentos e lançaria programas de sucesso na história da TV no país.

Assim, a mais nova e menor emissora da cidade de São Paulo, contando com apenas três câmeras e um modesto prédio de apartamentos, na Rua da Consolação, começa a dar seus primeiros passos. Os primeiros dois anos do canal foram bastante conturbados, devido a sua direção não contar, principalmente, com pessoas conhecedoras do veículo. Mas, o esforço e a versatilidade dos novos contratados buscavam sanar grande parte das dificuldades. Tudo isso faria com que seus antigos

profissionais, o *cast* da emissora, passassem a ser apelidados de "Exército Brancaleone", um filme em que o exército vencias as batalhas usando a criatividade, mesmo sendo pequeno, e combatendo tropas gigantescas (ANKERCRONE, 2001, [on-line]).

Passados dois anos, em 1954, o sucesso de audiência é alcançado com chegada do seu mais novo acionista: o radialista Vitor Costa, proprietário da Rádio Nacional de São Paulo. Do prestígio advindo de uma das maiores rádios do país, novos contratos, inclusive de profissionais, da Tupi de São Paulo, como o diretor artístico Dermival Costa Lima, José Castellar, Walter Foster, Hélio Tozzi, Hebe Camargo, são assinados.

A partir de então, a nova emissora paulista pôde apresentar uma programação mais diversificada, adotando alguns formatos do rádio, capaz de ultrapassar a audiência da Tupi, a pioneira do país. Esta nova fase da Paulista vem ilustrar um procedimento nada extraordinário na história da TV brasileira, em que o sistema radiofônico assumiu o papel de ser seu grande investidor.

Por influência de Vitor Costa, a programação intensificou o gênero humorístico, levando ao ar experiências realizadas na Rádio Nacional como a **Praça da Alegria** (1957), **PRK-30**, e outros shows humorístico-musicais.

O sucesso também atingiu o musical **Hit Parade** (1955)⁵, o qual contou com a participação de Hebe Camargo, Wilma Bentivegna, Lana Bitencourt, Ângela Maria,

Agostinho dos Santos, Cauby Peixoto e tantos outros cantores. Além dos sucessos da



Figura 51. Manoel da Nóbrega e Golias em **Praça da Alegria**. (Fonte: <http://inmemorian.multiply.com>)



Figura 52. **Hit Parade** (1955) (Fonte: www.centrocultural.sp.gov.br.)



Figura 53. Musical: **Show Tonelux**, com Wilma Bentivegna e Hebe Camargo. (Fonte: www.centrocultural.sp.gov.br.)

⁵ Grandes nomes como Hebe Camargo, Wilma Bentivegna, Lana Bitencourt, Ângela Maria, Agostinho dos Santos, Cauby Peixoto e outros cantores participavam do programa.

semana, o programa exibia diferentes gêneros como samba, mambo, valsa, e quadros com encenações de atores e bailarinos. Anos antes, a Paulista exibiu **Show Tonelux** (1952), programa de grande receptividade devido à presença de nomes de fama do rádio e TV.

É nesta emissora, em meados da década de 50, que Sílvio Santos começa sua carreira como apresentador de TV, tornando-se, posteriormente, um dos grandes ícones dos programas de auditório da TV brasileira. Em 1963, tempos iniciais do auge dos programas de auditório, a Paulista lança o **Programa Sílvio Santos**, que, em virtude do sucesso, permaneceria no ar por longo tempo e frequentaria, a partir de então, diversas emissoras.

Nos programas de cunho informativo havia o telejornal diário **Mundo em Notícias**, que, a partir do trabalho jornalístico de **O Tempo**, transmitia fatos locais e internacionais, somados a apresentações de filmes sobre os fatos ocorridos na cidade. Em relação aos esportes, a emissora priorizava a exibição de partidas de futebol e um programa de comentários esportivos.

Como o meio audiovisual, nos seus primeiros anos, se mostrava deficitário quanto a sua gênese de veículo de bens de consumo, a TV Paulista investiu em programas que atendiam à sazonalidade da realidade publicitária. Nesta condição, como vimos, o teleteatro seria o programa ideal.

Assim, uma das realizações mais importantes da emissora foram as encenações do **Teledrama Três Leões**.

Em razão dos problemas de pagamento de direitos autorais para a exibição de textos da literatura e do teatro nacional, esse teleteatro, semelhante aos espetáculos dos grupos de teatro como TBC e às teleteatralizações do **TV de Vanguarda** (1952), da TV Tupi, se pautou pela encenação de textos estrangeiros. Devido não ter



Figura 54. Perfi: Sílvio Santos. (Fonte: <http://www.tudosobreTV.com>)



Figura 55. Anúncio de jornal do **Teledrama Três Leões** (1953). (Arquivo: Centro Cultural São Paulo)

alcançado ainda uma linguagem própria, as apresentações de TV se baseavam na movimentação cinematográfica, considerada, ainda, a grande escola visual. Em depoimento dado ao IDART, Centro Cultural de São Paulo, em 19/09/88, o diretor e produtor José Castellar acrescenta que, devido o transmissor apresentar uma imagem fraca, eles acabavam trabalhando quase sempre em close, e junto dessa situação, havia ainda o receio das câmeras pifarem em pleno ar.

Paralelamente, havia ainda o **Teatro Nicete Bruno** (1952), e anos depois **Teatro de Alumínio** (1954) e **Teatro Cacilda Becker** (1954).

Embora a TV Paulista não dispusesse de uma estrutura adequada para produção de suas experiências televisivas, buscou também investir nas exibições de telenovelas, que seguiria os passos das produções melodramáticas da radionovela – carro-chefe da programação da Rádio Nacional.

Na tentativa de reproduzir a programação para o adulto, a referida emissora, embora com menos investimento, não deixou a criança paulista sem atrações. A grade de poucos horários para esse público telespectador apresentou programas de entretenimento que, de alguma forma, traziam uma proposta educativa. Além dos programas de auditório, com algumas variantes, nos finais da tarde, a telinha exibiu também os teleteatros infantis.

Antes de migrar-se para a TV Record, a próxima emissora a ser inaugurada no país, o **Circo do Arrelia**, programa circense pioneiro da TV, conheceu o tímido estúdio da TV Paulista. Já os desenhos animados, eram transmitidos dentro da famosa **Seção Zás Trás**, um programa de auditório onde havia de tudo um pouco: brincadeiras, competições, música, teatro etc.

Na esteira do politicamente educativo, produziram-se também programas com a participação de crianças brincando e aprendendo. Cacilda Lanuza apresentou um programa que incentivava a criatividade da criança, tanto no artesanato como na narração ou encenação de pequenas peças.

Semelhante ao universo circense, Branca Ribeiro apresentou **Parque Petistil**, programa com maiores atrações: desenhos, palhaços, festinhas para aniversariantes,



Figura 56. Palhaço Arrelia
(Fonte: <http://www.clown.com.br>)



Figura 57. Programa **Seção Zás Trás**
(Fonte: <http://www.januzzi.net.>)



Figura 58. Programa **Seção Zás Trás**
(Fonte: <http://www.januzzi.net.>)

presentes e brindes, tendo uma produção mais elaborada, patrocinada pela fábrica de roupas Petistil. Em meados dos anos 60, a atriz Maximira Figueiredo conduziu um programa que estimulava o sonho da criança, com fadas, bichos, piratas, castelos, em diversas brincadeiras.

A programação contava, ainda, com a veiculação de telepeças infanto-juvenis, produzidas por Líbero Miguel. Aí, também, se incluem os teleteatros (1960). Como vimos no capítulo anterior, o teleteatro para criança na TV Paulista estreou com a encenação do grupo TESP, dirigido por Júlio Gouveia e Tatiana Belinky. A convite do superintendente, Ruggero Jacobi, que já havia atuado no referido grupo, em 10 de janeiro de 1952, foi ao ar *A pílula falante* e, depois, *O casamento da Emília*. Como a emissora não dispunha de recursos financeiros demandados pelas exhibições do teleteatro dos Tatianas, a Tupi-Difusora acaba convidando-os e, durante 13 anos, ininterruptos, inúmeros textos são teleteatralizados por atores adultos.

Além desse projeto experimental, dois meses depois, o diretor de teatro Antunes Filho apresentou outra proposta de teleteatro para a TV Paulista. Após alguns meses de encenação o **Teatro Infantil**, passa a ser dirigido e produzido por um de seus atores: Fábio Sabag (1931-2008).

Concomitantemente, seguindo a lógica da época, esse artista de origem libanesa, tornou-se também integrante da companhia Graça Melo e ator no teleteatro de Sérgio Britto, na TV Tupi, do Rio de



Figura 59. Fábio Sabag. (Fonte: <http://www.abril.com.br/imagem>)

Janeiro.⁶ É a partir de sua atuação na TV Paulista, de algumas participações no grupo TESP e na Companhia de Teatro Infantil, do Teatro de Alumínio; que Fábio Sabag seguiria carreira na direção de teleteatros para criança. Dessa forma, alcançou lugar de prestígio na história desse gênero televisivo, sobretudo, com a transmissão do **Teatrinho Trol**, na Tupi carioca.

Dentre um número extenso das histórias dos bastidores da TV, em sua biografia, o ator conta uma das experiências de seu primeiro trabalho com Antunes Filho. Em uma das teleteatralizações de peças exclusivas para as datas comemorativas, o produtor (SABAG, 2007, p. 43) revela que:

Uma vez, apresentamos um espetáculo especial de Páscoa, com oito coelhos na história. Levei flanela marrom e lã para a costureira fazer os figurinos, com muitos dias de antecedência. O programa seria exibido no sábado e fiquei de pegar as roupas na sexta-feira. Quando cheguei à casa da costureira, ela disse ‘Ai, Sabag! Não deu tempo de fazer... Me desculpe!’ Eu até tinha dado o dinheiro do serviço adiantado que, no fim, ela nem me devolveu. Fui para minha casa com todo o material. Cortei, costurei à mão e passei a noite inteira fazendo as oito roupas de coelho. Fiz até as orelhas e os rabinhos. De manhã, eu estava na televisão com todo o figurino. A costureira da TV Paulista em ajudou fazendo os últimos ajustes no corpo dos atores. Eu nunca tinha pegado em uma agulha e uma linha antes – só visto minhas irmãs e minha mãe costurando. Mas tive de aprender sozinho. Observando e experimentando. E é assim que temos de agir. Temos que saber fazer de tudo.

Neste depoimento, o diretor revela a fragilidade de recursos do veículo na época, momento em que a profissão do ator era feita, sobretudo, de sensibilidade e exigia o máximo de dedicação. Dessa forma, era possível perceber que alguns atores nasciam com o dom, outros se aprimoravam com a técnica. (SABAG, Ibidem).

Segundo o cenógrafo Campello Neto (IDART, 29/09/88), nesses anos, boa parte do figurino para os teleteatros da Paulista era alugada na Casa Teatral, que também atendia à TV Tupi.

Como as apresentações teleteatrais eram ao vivo, a TV Paulista chegou a acumular um número expressivo de incidentes. Assim como o diretor Fábio Sabag se via à mercê do improviso no teleteatro infantil, Walter Avancini (IDART, 19/09/88), como sonoplasta e dublador de sons, acrescenta novas experiências vivenciadas pelos profissionais da Paulista:

⁶ Cf. Anexo 7.

nós fazíamos uma verdadeira estratégia militar para prever tudo que poderia acontecer na hora e não precisar parar. Num espetáculo *A Cidadela*, aconteceram mil acidentes, mas a equipe conseguiu se sair bem, e o espectador não percebia o que estava acontecendo. Prato que devia quebrar e quebrou. Três câmeras pifaram num teleteatro e ele foi finalizado com apenas a 4ª câmera, fixas e outra no estúdio, em plano geral. Esses incidentes nos deixavam suando em bicas, nervosos, em alto estado de tensão. Mas eu ficava chateado, porque eu pesquisava a literatura que ia ser adaptada, criava os tipos de melhor maneira possível. Era muito desgastante. Por outro lado, às vezes dava tudo perfeito e o espetáculo saía lindo.

Vale lembrarmos que essa realidade não era exclusiva das Organizações Victor Costa, mas se encontrava, também, na pioneira Tupi, e, possivelmente, não estariam livres as próximas emissoras a serem instaladas, TV Record e TV Itacolomi, por exemplo.

Embora Fábio Sabag disponibilizasse grande parte de seu tempo a essa TV artesanal e ao teatro de palco, o artista resolveu levar o teatro a presídios e a hospitais de São Paulo, tendo como grande incentivador Osmar Rodrigues Cruz (1924-2007), diretor do Sesi. Semelhante ao trabalho socializador do grupo TESP, Fábio Sabag apresentou a estes espaços a magia do teatro e seu poder de exaltar as emoções. Apaixonado pela arte de representar, Sabag, diante de novas oportunidades, teria ainda uma longa trajetória de atividades, digna de pertencer à história do teatro, da televisão e do cinema brasileiro.

Antes mesmo que a emissora passasse a pertencer ao Sistema Globo de Rádio e Televisão, do empresário Roberto Marinho, o ator assume, no final de 1954, contrato com a TV Record, e, novamente, dedica-se à criança. Além desse teleteatro, a programação contou, nos finais dos anos 50, com o **Teatro Mirim**, que, pela insuficiência de registros escritos, acaba por denunciar a ausência da imprensa da época para com a programação infantil de algumas emissoras. Neste sentido, é ilustrativo o depoimento do diretor José Castellar (IDART, 19/09/88), ao explicar que “como a TV tupi possuía também uma Cadeia dos Jornais Diários, todo programa deles mais importante era muito anunciado em todos os jornais que possuíam, atraindo o telespectador.”

Mesmo que a emissora não tenha frequentado as páginas de revistas e jornais da época, e via-se sucumbida à experimentação organizacional, a TV Paulista construiu

a sua história e permitiu que uma série de profissionais constituísse carreira no universo das mídias.

5.4

Hoje tem o faz-de-conta?

Era uma televisão artesanal, feita de corpo e alma. Nós, profissionais tínhamos uma dedicação enorme, porque ocupávamos um grande tempo de nossa vida.
Nilton Travesso⁷

Em 27 de setembro de 1953, a cidade de São Paulo foi contemplada com mais uma emissora: a TV Record, canal 7. Esta seria a terceira emissora do país, tendo como empreendedor Paulo Machado de Carvalho. Dono da Rádio Record, esse empresário, assim como Assis Chateaubriand, alcançou importância por seus investimentos no universo da mídia, formando, ao longo dos anos, um grupo de empresas do setor radiofônico, que chegou a incluir a TV Record, Rádio Excelsior, Rádio São Paulo, Rádio Panamericana (Jovem Pan) AM e Rádio Panamericana (Jovem Pan) FM.⁸

A inauguração da TV prometia marcar a semana. Sua instalação teve como local um prédio localizado no bairro Congonhas. Para receber o novo invento, o prédio passou por reformas. Ainda que o canal se constituísse pelos mais modernos equipamentos de TV, até então existentes, ele vivenciou ainda a fase da TV de pés descalços (FARIA, 2005). Além das dificuldades organizacionais como, por exemplo, a incipiência dos recursos técnicos, a carência de profissionais qualificados, a TV Record tinha que enfrentar a audiência consolidada pela TV Tupi e pela TV Paulista. Para tanto, a emissora não diferente das demais, buscou pautar-se numa programação de nível cultural.



Figura 60. Lucy Reis, ao lado do símbolo da TV. (Fonte: <http://www.sampaonline.com.br>)

⁷ Entrevista realizada em 12/03/2010.

⁸ Atualmente, apenas as rádios Jovem Pan AM e FM, localizadas na Av. Paulista, pertencem ao patrimônio da família Machado de Carvalho. Na direção dessas rádios está seu filho, Antônio Augusto Amaral de Carvalho, conhecido como Tuta.

Portanto, nos primeiros momentos da referida emissora, investiu-se nos quadros de humor, nos musicais e nos eventos esportivos. Dentre esses gêneros, as transmissões ao vivo das partidas de futebol tornaram a Record imbatível na cobertura esportiva da década de 50, fazendo com que a TV Tupi perdesse o lugar de líder de audiência neste tipo de programa. O sucesso se deu a partir da aquisição de modernas lentes de grande alcance, as quais permitiam transmitir com nitidez os jogos ao vivo.

Toda essa importância dada aos acontecimentos futebolísticos, vale notar, esteve relacionada ao fato de que o empresário assumiu, desde 1934, vários cargos de dirigente, presidente e vice-presidente de alguns clubes paulistas.

De igual forma, outras experiências televisivas, como shows humorísticos e musicais, se consituíram como prioridades na programação, chegando a consagrar nomes no gênero. Segundo Edgar Amorim (Revista **Idart**, [on-line]), enquanto a Record se pautava nestes programas, a TV Tupi se caracterizaria pela emissão de teledramaturgia. A TV Paulista, por sua vez, ao transmitir teleteatros, musicais, telejornalismo e humorismo, acabou não selecionando o gênero de sua preferência.

Para a captação maior de telespectadores, a TV Record passou a promover festivais e musicais com artistas internacionais e nomes da música popular brasileira.⁹



Figura 61. **Família Trapo**
(Fonte: <http://www.oyo.com.br/seriados-e-tv>)



Figura 62. **Show Musical (1955)**. (Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>.)

Utilizando o teatro Record, localizado na rua da Consolação, estes programas e os humorísticos ganharam a presença do público. O sucesso dessa experiência fez com que os novos programas surgidos fossem exibidos no palco de teatro. Como exemplo, podemos citar, o programa **O Fino da Bossa**, o qual tinha sua lotação esgotada com várias semanas de antecedência. Outros gêneros musicais como o samba e o rock,

⁹ Louis Armstrong, Bill Hally e seus Cometas, Nat king Cole, Sarah Vaughan, Chico Buarque, Geraldo Vandré, Elis Regina e Jair Rodrigues fazem parte da história da emissora.

também, foram transmitidos pelo canal 7. Para a inserção promissora deste canal no contexto sociocultural de São Paulo, a Rádio Record teve importante papel, já que a mesma era detentora de um enorme prestígio social.

A este respeito, em entrevista, um dos ex-diretores da Record, Nilton Travesso, explica que devido os estúdios da emissora, na década de 60, terem sido alvos de um incêndio, essa era uma das suas únicas alternativas.¹⁰ A partir de então, o canal 7 se viu numa condição em que, segundo ele, a tragédia se transformaria em sucesso.

A preocupação em investir numa programação infantil também existiu por parte da TV Record. Para este seguimento, foram, de grande audiência, os programas **Capitão 7** (1954), o primeiro seriado de aventuras, produzido no Brasil e estrelado por Ayres Campos e Idalena de Oliveira; **Pullman JR.** (1963), programa de apresentações de talentos infantis, de desenhos animados e brincadeiras, apresentado por Cidinha Campos e Durval de Souza. De importância foi também o **Grande Gincana Kibon** (1958), que permaneceu no ar por 10 anos e teve como grande animador Vicente Laporace. Ainda nos moldes do auditório, o canal 7 contrata Waldemar Seyssel, o palhaço Arrelia, da TV Paulista. Nos anos finais de 1953, o **Cirquinho do Arrelia** ou **Teatro Arrelia** passa a ser transmitido pela Record.



Figura 63. Programa **Cirquinho do Arrelia**, TV Record - 1950. À direita, o palhaço Pimentinha e logo em seguida o Arrelia. (Arquivo pessoal de Waldemar Seyssel/APPITE)

Além dos programas de auditórios, o **Teatro Infantil ou Teatrinho** completava a grade de horários. Em depoimento¹¹, Nilton Travesso menciona que o responsável pela produção de teleteatro para criança era o diretor e autor de novelas Vicente Sesso. Antes, porém, o programa, nos finais de 1954, teve como produtor, por um curto período de tempo, Fábio Sabag, que, logo depois, firmaria contrato com a TV

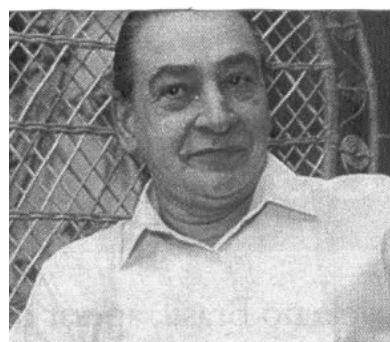


Figura 64. Vicente Sesso.
(Fonte: <http://jeocaz.wordpress.com>)

¹⁰ Em 1966 e 1969 a emissora sofreria novos incêndios.

¹¹ Entrevista realizada em 12/03/2010.

Tupi do Rio, dedicando-se também ao teleteatro para os pequenos.

Semelhante às demais teleteatralizações infantis, produzidas na TV Tupi e TV Paulista, as adaptações se pautaram nos textos da literatura clássica e popular, sobretudo de origem estrangeira. As encenações contavam com profissionais que eram, normalmente, os talentos de outros gêneros da grade. Dependendo da história da telepeça, crianças também participavam.

Como a produção de teleteatro para adulto não obteve êxito na emissora, em virtude da ausência de profissionais experientes em técnica, direção e atuação, os teleteatros infantis, por conseguinte, teriam pouco tempo de permanência na Record. Segundo Edgar Ribeiro Amorim (Revista **Idart**, [on-line]), embora a referida emissora contratasse nomes renomados do teatro, como a atriz Cacilda Becker e sua companhia teatral, a atuação e a encenação dos profissionais eram idênticas às do palco de teatro. Diferente da Tupi paulista, em que havia artistas como Lima Duarte, Walter Stuart, Cassiano Gabus Mendes, que nasceram nos seus bastidores, a TV Record, através de suas apresentações do teatro, convivia com a inexpressividade do teleteatro junto ao público telespectador.

Como podemos ver, nas teleteatralizações para criança, esta situação não seria diferente. Embora os artistas do programa pertencessem ao corpo de profissionais da emissora, nas datas e comemorações especiais, a emissora recebia companhias de teatro, as quais se tornavam a atração da noite. Seria nesses momentos que o telespetador infantil teria, direto dos estúdios da Record, uma transmissão de grande produção teatral.

Apesar das encenações de teleteatros não terem proporcionado prestígio à emissora, como fizeram os programas de auditório, de alguma forma, tal experiência não deixou de participar da construção da linguagem e da história do canal. Numa emissora, que hoje completa mais de 50 anos de atuação, os pequenos puderam ver, através da tela, parte do seu mundo representado.